

CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

Porta-voz: Israel apura se houve desvio de conduta

Exército israelense não atira em civis nem em comboios humanitários, mas investiga a possibilidade de alguma ação individual inadequada durante incidente em entrega de suprimentos na madrugada de quinta, diz major

THAYZ GUMARÃES
thayz.gumares@globo.com.br

O Exército de Israel não atira em civis nem em comboios humanitários, mas investiga a possibilidade de ter havido desvio de conduta de algum soldado durante a entrega de suprimentos no norte da Faixa de Gaza na madrugada de quinta-feira, afirmou a O GLOBO o major Rafael Rozenszajn, porta-voz das Forças Armadas do país. O Ministério da Saúde do enclave palestino, controlado pelo grupo terrorista Hamas, acusa as forças israelenses de terem atirado contra a multidão, deixando ao menos 112 mortos e 760 feridos. O Exército israelense nega a acusação, dizendo que as mortes decorreram de um tumulto, com soldados tendo sido disparado para o ar e contra um grupo que se aproximou de uma unidade militar.

—Israel não ataca civis nem comboios humanitários — disse ao GLOBO Rozenszajn, fazendo a ressalva de que “o Exército israelense, como qualquer outro do mundo, pode ter soldados que cometem algum desvio de conduta”. — Nesse caso, como tomou proporções, então, foi aberta uma investigação.

Segundo o major, que nasceu no Rio, mas vive em Israel há 20 anos e serve ao Exército do país há 16 anos, o Estado-Maior acionou um mecanismo de “verificação independente” para apurar os fatos do “incidente excepcional”.

—Primeiro é feito um exame totalmente independente e, se tiver algum indicativo de que foi cometido algum erro, [o soldado] passa por uma investigação [formal] e pode chegar a sofrer ações judiciais — disse, acrescentando que a apuração independente é conduzida por uma série de profissionais, entre eles generais da reserva.

PISTOLETAMENTO

Ontem, o contra-almirante Daniel Hagari, principal porta-voz militar de Israel, disse que uma análise preliminar, baseada em dados coletados por comandantes e forças em campo, determinou que ne-



Bloqueio. Palestinos separam roupas achada em escombros de casa atacada em Rafah. Israel é obrigado a atender necessidades da população, dizem ONGs

Netanyahu não envia delegação

—O governo de Benjamin Netanyahu não enviou uma delegação ao Egito para a retomada de negociações para um acordo de cessar-fogo e libertação dos reféns, disse o poder do grupo terrorista Hamas, disse a CNN.

—Segundo uma fonte ouvida pela rede americana, a decisão foi tomada após o Hamas não entregar uma lista dos reféns — diferenciando entre vivos e mortos — nem informar a quantidade de presos palestinos que quer libertar em troca das pessoas em cativeiro.

—Ontem, uma delegação do Hamas chegou

ao Cairo, capital do Egito, para a retomada das negociações, que contam com a participação dos EUA.

—Também à CNN, uma autoridade do grupo palestino disse que o Hamas só concordará com um acordo sobre os reféns se Israel aceitar um cessar-fogo permanente, e não temporário, como inicialmente proposto.

—De acordo com o DIH, o Exército israelense não tem obrigação de enviar ajuda humanitária porque Israel não ocupa Gaza; o Hamas, informalmente, ainda administra o território e lança seus foguetes contra civis israelenses — disse Rozenszajn durante uma conversa de cerca de uma hora de duração.

—A obrigação do Exército é permitir e facilitar a entrada de ajuda humanitária. Apesar de ter se retirado de Gaza, Israel mantém um bloqueio aéreo, terrestre e marítimo do enclave desde 2007, quando o Hamas passou a controlá-lo. Por apenas três pontos de passagem, dois deles controlados por Israel e outro pelo Egito, é possível entrar alimentos, suprimentos médicos e ajuda humanitária. Por conta desse cenário, cujas restrições foram reforçadas após o ataque do Hamas contra o sul israelense em 7 de outubro, Israel se caracteriza como potência ocupante, afirmam organizações internacionais como a Anistia Internacional, e, portanto, seria obrigado a atender às neces-

parte superior e inferior do corpo. A comunidade internacional exige uma investigação independente dos fatos.

AJUDA HUMANITÁRIA

As mortes na Cidade de Gaza revelam os desafios de entrega de suprimentos em meio ao conflito. Sob o Direito Internacional Humanitário (DIH), o país ocupante é obrigado a fornecer suprimentos para a população ocupada. Contudo, Israel afirma que “não ocupa de fato” Gaza, já que se retirou unilateralmente em 2005.

dades da população de Gaza. Segundo Rozenszajn, Israel faz a verificação de todos os caminhões de ajuda humanitária que entram em Gaza para garantir que não sejam “levados armamentos para os terroristas do Hamas”, mas, a partir do momento em que entram no território palestino, a segurança do comboio não é mais responsabilidade israelense.

—Os motoristas dos caminhões, inclusive, são palestinos de Gaza — destacou.

O Exército israelense, porém, faz a segurança de alguns locais no enclave, “por motivos operacionais”, e parte deles são pontos por onde passam os caminhões, “como por exemplo a zona de retirada”, disse Rozenszajn referindo-se à região norte da Faixa, onde foram registradas as mortes.

Nesse contexto, os militares israelenses presentes na área na quinta “não escutavam os caminhões”, disse.

—O Exército israelense, mesmo sem ter a obrigação, atua como se tivesse obrigação, porque essa guerra não é contra os civis, nós não queremos o sofrimento dos civis.

MUNIÇÕES TRAÇANTES

Um vídeo gravado dentro de Gaza por uma afiliada da al-Jazeera capturou o som de disparos, além de imagens de munições traçantes no céu, um tipo de projétil que se acende para iluminar o campo de visão e ajudar tropas a ajustar a mira. Apesar de o autor dos disparos não aparecer no vídeo, a trajetória dessas rajadas mostra, segundo análise do New York Times, que partiram da área onde estavam estacionados dois tanques israelenses vistos, por sua vez, em vídeo de drone divulgado por Israel.

Questionado sobre o uso do projétil, o major disse que não poderia comentar por não conhecer a gravação. Apesar disso, pontuou que o Hamas opera com capacidades tão sofisticadas quanto as de um exército regular, possuindo armamentos antitanque e atiradores de foguetes.

—Os terroristas do Hamas não são uma guerrilha. Eles são um exército terrorista — declarou.

Bombardeio mata bebês gêmeos: ‘Quem me chamará de mãe?’

Palestinos acusam Israel de deixar 14 mortos em ataque aéreo em Rafah

Rania Abu Anza escondeu o rosto manchado de lágrimas, arrasada após perder seus bebês gêmeos, mortos em um bombardeio em Gaza. A poucos metros dela, homens procuram sobreviventes nos escombros de sua casa, destruída no último sábado. Antes da guerra, Rania precisou se submeter a vários tratamentos de fertilidade para conseguir realizar o sonho de ser mãe.

—Quem vai me chamar de mãe agora? — soluçou a palestina, abraçando

seus bebês, com o rosto de um deles ainda manchado de sangue.

Os gêmeos Wisam e Naim, que não tinham nem seis meses de idade, estão entre os 14 mortos durante um bombardeio israelense na noite de sábado na cidade de Rafah, no sul da Faixa de Gaza, segundo informações do Ministério da Saúde de Gaza, administrado pelo grupo terrorista Hamas.

Todos os mortos são membros da família Abu Anza. Eles se juntaram às quase 30.4 mil vítimas fatais do conflito em Gaza, a maioria mulheres e crianças. A

AFF entrou em contato com militares israelenses, que se recusaram a comentar sobre o bombardeio.

Segundo Israel, a campanha militar no território palestino — em resposta ao ataque a Israel deixou quase 1,2 mil mortos e feridos — tem como objetivo eliminar o Hamas. No entanto, Sheldah Abu Anza explicou que a casa bombardeada pertencia ao seu tio, sem ligações com o grupo, e havia apenas civis no local.

—Eles estavam dormindo às 23h. Honestamente, não havia presença militar na



Desolação. Rania Abu Anza (centro) chora a perda de Wisam e Naim, que não tinham nem seis meses de idade; família dormia no momento do bombardeio, na noite de sábado

casas, apenas civis — disse.

Cerca de 1,5 milhão de pessoas — mais da metade do total de palestinos que vivem em Gaza — buscam refúgio em Rafah, vindos de várias partes do território, mas sobretudo do norte, por onde o Exército de Israel iniciou sua ofensiva terrestre. No início da

guerra, as autoridades israelenses aconselharam a população a fugir para o sul.

Mas, neste ponto do conflito, nem Rafah está imune agora. Além dos bombardeios, o governo de Israel ameaça dar início a uma operação terrestre na região até o Ramadã, mês sagrado do Islã,

em 10 de março, caso não se chegue a um acordo de cessar-fogo — ainda que temporário — que assegure a libertação dos reféns sob custódia do Hamas. A cidade é a única que ainda não foi alvo de incursões das forças israelenses, embora seja alvo de ataques aéreos diariamente.